



Os valores de uso e de troca da natureza *The values of use and exchange of nature*

Costa, Paula C.
Feira Viva, paulacerruti@gmail.com

Eixo temático: Construção do conhecimento agroecológico e dinâmicas comunitárias

Amar a terra e nela plantar semente
A gente cultiva ela e ela cultiva a gente
(Zé Pinto)

Resumo: A construção do conhecimento agroecológico enfrenta inúmeros desafios. Alguns deles se dão no campo, no chão da terra, por exemplo na busca por estabelecer um equilíbrio físico-químico no solo. Outros estão nos limites territoriais, imensamente disputados, na bala e na lei. Propõe-se a discorrer neste trabalho a respeito de outro embate: o econômico-filosófico, buscando estabelecer uma relação entre a dimensão macropolítica, ligada à questão da terra, e a dimensão micropolítica, ligada à prática de quem cultiva. Toma-se aqui, como centro de análise o conceito de Natureza, entendendo-se que ele assume diferentes significados e é um conceito-chave na Agroecologia. A partir de entrevista, seguida de uma análise qualitativa fundamentada em autores marxistas, apresenta-se e discute-se alguns significados atribuídos pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) ao conceito de natureza.

Palavras chave: práxis; hegemonia; ciência; sociedade.

Abstract: The construction of agroecological knowledge faces countless challenges. Some of them take place in the field, on the soil – as in the search for establishing there a physicochemical balance. Others are in the territorial boundaries, immensely disputed, through bullets and/or the law. This work proposes to focus on another conflict: the economic-philosophical one, seeking to establish a relationship between the macropolitical dimension, linked to the question of land conflicts and the micropolitical dimension, linked to the practice of those who cultivate the land. It is taken here as the center of the analysis the concept of Nature, understanding that it assumes different meanings and is a key concept in agroecology. From an interview, followed by a qualitative analysis based on Marxist authors, it is presented and discussed some meanings attributed by the Movement of Landless Rural Workers (MST) to the concept of nature.

Keywords: praxis; hegemony; science; society.

Introdução

As primeiras inquietações sobre o conceito de natureza surgiram em 2010, quando a autora foi dar aula de ciências em uma escola itinerante do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) do Paraná. Existiria alguma diferença de significado para este movimento social e para esta escola? No mestrado este estudo foi aprofundado e neste texto está um recorte dessa pesquisa.



No esforço de compreender o que é natureza enquanto um conceito humano, nada hegemônico, fruto das relações sociais, disputado na sociedade civil e política, definimos os objetivos propostos para esse texto:

Qual arcabouço teórico sustenta o significado atribuído ao conceito de 'natureza' pelo quadro dirigente do MST?

O MST tem estratégias que permitem deslocar o conceito de 'natureza'? Quais, como e por quê?

A questão da natureza, como é compreendida, planejada e utilizada, é parte constituinte de definições políticas agroecológicas. O conceito *natureza* está presente nas práticas cotidianas; no entanto, ao pesquisar acerca do vocábulo, a bibliografia corrente o toma 'como um objeto estanque, um feixe de relações harmônicas e equilibradas que é preciso incorporar ao modo de produção. Penso que esse olhar é um deles, bastante importante, mas podemos complexificá-lo, analisando este conceito de forma mais crítica.

Trouxemos para a universidade, local de fabricação da ciência, o conceito de 'natureza' enquanto um conceito mutável, disputado, imbuído de trabalho e portanto valorado. Nesta sociedade, onde tem trabalho tem valor de uso e valor de troca. Precisamos falar dessa disputa latejante, da natureza enquanto matéria-prima, mercadoria.

O conceito natureza está presente em práticas cotidianas, em argumentos políticos e nas escolas (WILLIAMS, 2005). Os educadores compreenderão melhor a inserção de suas perspectivas políticas e ideológicas, bem como sua responsabilidade em relação à produção de determinada leitura de mundo e do ensino de ciências especificamente.

É necessário se admitir que se está em conflito em relação à questão da natureza (WILLIAMS, 2005). Conflitos camuflados pelo fato de todos serem a favor da conservação ou preservação ambiental, que aparece como uma questão universal harmônica que depende de iniciativas individuais (DIEGUES, 2004).

Metodologia

Esta pesquisa é uma análise qualitativa, fundamentada por Antônio Chizzotti (2003, p.228), como aquela que procura entender e reconhecer "a relevância do sujeito, dos valores dos significados e intenções da pesquisa, afirmando a interdependência entre a teoria e a prática, a importância da invenção criadora, do contexto dos dados e da inclusão da voz dos atores sociais". O tema, – representações de natureza pelo MST – se deu na escola itinerante onde a autora trabalhou, em reuniões junto ao coletivo escolar, que avaliou a importância do Setor de Educação do MST



aprofundar as discussões da área de ensino das ciências. Por isso, optou-se pelo estudo do objeto simbólico de maior significação, a natureza.

Uma vez que a tarefa dos dirigentes nacionais é legitimar as teses construídas no interior do Movimento, a pesquisa tem como base uma entrevista com coordenador do Movimento dos Trabalhadores Rurais no Paraná, Roberto Baggio. A entrevista semiestruturada, foi elaborada com a intenção de que Baggio falasse a respeito dos posicionamentos e ações que o MST tem apresentado em relação ao conceito de natureza.

Para analisar a entrevista, foram utilizados textos produzidos por integrantes do MST e também de outros autores marxistas que embasam os significados defendidos por Baggio. O conteúdo transcrito foi categorizado em MST, capitalismo e projeto popular. Buscou-se correlacionar modos de produção e reprodução da vida e os modos de produção do conhecimento.

Assim apresenta-se um conceito com diversos significados, disputado e discutido conforme as idéias hegemônicas vigentes. O olhar histórico propõe a compreensão do conceito de natureza enquanto um processo em construção. Sofre rupturas e mudanças acompanhando os paradigmas hegemônicos em cada sociedade da história humana. Permite-se assim indicar correlações entre um modo de produção e reprodução da vida, e um modo de produção do conhecimento o que inclui concepções de natureza.

Resultados e Discussão

A ideia de natureza unitária, hegemônica hoje em dia, foi construída com o advento do capitalismo, no qual os centros urbanos são considerados os locais de produção do conhecimento. Esse processo como um todo não foi pacífico, mas sufocou diferentes relações sociais e culturais como por exemplo as que tem explicações baseadas em sentimentos e valores, consideradas hoje em dia como mitologias, como as que atribuem personificação para forças da natureza. Podemos observar essa perspectiva nas religiões afro-brasileiras.

É no território conquistado enquanto unidade política que se dá o advento da *physis*, que Marilena Chauí (2001, p.50) explica como “a natureza tomada em sua totalidade”. As explicações fundamentadas em conceitos se fizeram hegemônicas. Na Grécia pré-socrática o trabalho não estava tão especializado. Os urbanistas, políticos, astrônomos, artistas, cientistas, eram a mesma pessoa. Sendo assim, em um regime democrático surge a teoria de que o planeta é esférico e está no centro do universo. O regime político e as explicações de mundo, ambos de acordo com os princípios da isonomia e igualdade de poder. Já na monarquia, a explicação se dá pela polaridade céu e inferno, com o poder concentrado em um ser superior.



A ciência é abstraída de experiências, assim como os mapas foram feitos por povos que circulavam pelas rotas comerciais. Muitas maçãs caíram de árvores, mas apenas Galileu desenvolveu a lei da gravidade, quando o cálculo já estava suficientemente desenvolvido. A ciência moderna tem a pretensão de mensurar a natureza e desvendar suas leis, descobrir todas as suas características. Nessa perspectiva, natureza existe enquanto um objeto calculável, exato e tudo o que não o é, passa a ser suspeito. Qualquer outra forma de conhecimento não tem validade.

A ideia de que um objeto possui apenas as características inerentes a ele é refutada por Marx (2008) quando diz a respeito do sentido. As coisas existem por si só, mas só fazem sentido quando nós as percebemos. Uma boa música só é boa para o ouvido treinado a distinguir sua qualidade. É no encontro do objeto com o sujeito que o objeto acontece, que a música se torna boa. Para Marx (2008, p.112) “a sensibilidade tem de ser a base para toda a ciência”, o que nos indica que toda a ciência é humana, social e histórica. A maçã de Galileu não poderia ser de Aristóteles, porque as relações sociais da época de Aristóteles não o permitiram ter os sentidos necessários para perceber a queda que Galileu viu. Daí vem a explicação do porque o solo é reduzido, pela ciência moderna, a um conjunto de nutrientes, sendo que o conhecimento agroecológico considera muitas outras relações, tanto entre seres vivos quanto astrológicas. A agroecologia é uma ciência muito mais complexa do que a agricultura convencional; considera locais, territórios, culturas, relações de trabalho. O ser humano é um elemento tão central quanto a produção agrícola.

Segundo Marx (2008), trabalho é a atividade fundamental para produção e reprodução da vida e é o que nos diferencia dos outros seres vivos, nos diferenciando da natureza, ao mesmo tempo que fazemos parte dela.

Na modernidade, natureza é compreendida como externo ao ser humano, que ou é matéria-prima, ou deve ser protegida e intocada, podendo ser local de lazer, local de ausência de trabalho. Quando transformada em mercadoria, adquire duplo caráter de valor: valor de uso e valor de troca. O valor de uso é sua utilidade e quem determina é quem utiliza. Um território indígena, uma comunidade de ribeirinhos, um assentamento, podem possuir diferentes valores de uso. O valor de troca existe quando a mercadoria está a venda, e é mensurado em dinheiro.

Na entrevista realizada com Baggio, observa-se que o MST contesta a prioridade que se dá ao valor de troca, defendendo que a terra deve estar nas mãos de quem produz, para a sobrevivência dos povos com qualidade na alimentação e portanto qualidade de vida. Além de confrontar a prioridade do mercado, ao colocar o trabalhador do campo como protagonista de sua produção, esse sujeito torna-se produtor de saber, produtor de ciência.

É um processo a compreensão do protagonismo. No acampamento as famílias que chegavam pela primeira vez estranhavam a obrigatoriedade de participar de reuniões que decidiam parte da vida daquele coletivo. Homens e principalmente



mulheres, relatavam que antes de viverem ali, não falavam em público, mas que agora se colocavam com tranquilidade nas reuniões e assembleias. A organização promove mudanças culturais e sociais, empoderam e educam o sujeito Sem Terra em diversos sentidos. A alteração na consciência, a partir da vivência prática, possibilita a existência de outras naturezas. O MST possui o que Baggio chamou de ferramentas - o acampamento, o assentamento, as escolas - que elevam o nível educacional e enfrentam a lógica hegemônica.

Esse movimento, marginalizado da ciência moderna, excluído de seus parâmetros, a enfrenta na busca por estabelecer outra unidade. Denuncia a função da natureza para o capitalismo, de ser uma reserva de capital que a qualquer momento pode se tornar mercadoria; e propõe o projeto da Reforma Agrária Popular. Nesta forma de organização, além da produção agroecológica de alimentos, que evidentemente não prejudica o meio ambiente, as áreas de preservação ambiental estão garantidas, diferente do que acontece nas grandes propriedades privadas. Ao colocar dessa forma, vemos que o MST também está atravessado pela visão da preservação ambiental enquanto natureza onde não existe trabalho.

No entanto, essa perspectiva está inserida em um projeto para o campo, que discute questão de classe, extinção da exploração do trabalho, dignidade humana e preservação ambiental. As esferas da vida estão relacionadas, divulgando para a sociedade que a modernidade não dá conta da realidade e por isso no senso comum são considerados ladrões, vagabundos. Vandana Shiva faz coro à essa afirmação quando acusa o capital de se apropriar das terras, das culturas e da produção do conhecimento, insultando aqueles que estão sendo roubados (SHIVA, 2001).

O MST tem um tripé que baliza sua atuação: formação, organização e luta. Esses eixos estão inter-relacionados e caminham de acordo com a conjuntura colocada. Outro elemento que restringe a prática do projeto são as possibilidades humanas, suas contradições, uma vez que somos seres sociais que vivemos nesta hegemonia e temos inúmeras instituições nos ensinando a viver de acordo com ela.

Conclusões

O conhecimento agroecológico é construído onde existe organização social. É importante que reflita-se a respeito do que é natureza para o grande capital e o que é natureza para os movimentos agroecológicos. Fortalecer o conhecimento popular passa pelo reconhecimento das relações que existem entre os modos de viver e a ciência que está sendo produzida. Natureza é um conceito extremamente complexo, às vezes nos inclui, às vezes não; extremamente disputado na ciência, na política e nos territórios. Percebermos que não existe apenas uma, mas várias naturezas, cada qual formulada por sua comunidade, contribui para que sejam respeitadas as especificidades das diferentes formas de viver em um país tão grande e tão plural como o Brasil.



O MST tem formulado esse conceito no embate da luta de classes, afirmando que quem precisa defini-la e decidir a respeito é a sociedade como um todo, para o bem coletivo, priorizando o valor de uso e não o lucro de grandes conglomerados empresariais.

Referências bibliográficas

CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2011.

CHIZZOTTI, Antônio. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios . **Revista Portuguesa de Educação**, Braga, Portugal, v.16 n.002, p. 221-236, 2003.

DIEGUES, Antônio Carlos. O mito moderno da natureza intocada. 5. ed. São Paulo: Editora HUCITEC, 2004

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. São Paulo: Boi tempo editorial, 2008.

SHIVA, Vandana. **Biopirataria**: a pilhagem da natureza e do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 2001.

WILLIAMS, Raymond. Ideias sobre a natureza. In:_____. **Cultura e materialismo**. São Paulo: editora UNESP, 2011, p.89-114.Introdução